

## Subjetividade e formação na perspectiva adorniana

### Subjectivity and formation in the adornian perspective

Luciane Neuvald  
luneuvald@terra.com.br

---

**Resumo:** Este ensaio objetiva discutir os conceitos de subjetividade e formação na perspectiva adorniana, a qual, além de estabelecer uma relação de correspondência entre esses dois conceitos, entende que sua realização é comprometida pela indústria cultural que, em seus lugares, promove a heteronomia, a identificação e a conciliação entre a realidade e o conceito. Esses aspectos encontram respaldo nas novas tecnologias na medida em que elas contribuem para acentuar o formalismo e para promover experiências substitutivas. Com base nesse pressuposto, pretende-se, também, refletir sobre os impactos das novas tecnologias na subjetividade e na formação e sobre algumas formas de resistir à danificação de ambas. Trata-se de uma pesquisa teórica, fundamentada na literatura escrita por Theodor W. Adorno e pelos seguidores de suas ideias. A partir desses referenciais, as possibilidades de resistência à reificação do sujeito e da formação podem ser encontradas na arte e na experiência estética, uma vez que elas congregam razão e sensibilidade, conteúdo e forma, e permitem a experiência da não-identidade e do deslocamento.

**Palavras chave:** Adorno, subjetividade, formação, estética.

**Abstract:** This essay aims at discussing the concepts of subjectivity and formation under the Adornian perspective, which, besides establishing a relation of correspondence between these two concepts, understands that its realization is compromised by the cultural industry which, in other places, promotes heteronomy, the identification and the conciliation between reality and concept. These aspects find support in new technologies as they contribute to accentuate the formalism and to promote substitutive experiences. Based on this assumption, we intend to also reflect on the impact of the new technologies on subjectivity and on the formation, and on some ways of resisting to the damage of both of them. This is a theoretical research, substantiated in the literature written by Theodor W. Adorno and by his followers' ideas. From these references, the possibilities of resistance to reification of the subject and the formation can be found in the arts and in the aesthetic experience, as they compile reason and sensibility, content and form, and allow the non-identity and displacement experience.

**Key words:** Adorno, subjectivity, formation, aesthetics.

---

## Introdução

Este ensaio aborda os conceitos de subjetividade e formação pautando-se no referencial teórico de Theodor W. Adorno, cujo fundamento levou à condução da seguinte problemática: sob condições marcadas pelo fetichismo e pela reificação do sujeito, como encontrar espaço para a constituição de uma personalidade autodeterminada e para a formação?

Objetiva-se abordar os conceitos de subjetividade e formação na perspectiva adorniana, que estabelece um vínculo estreito e de dependência entre os dois conceitos, refletir sobre a configuração assumida por esse par conceitual no contexto das novas tecnologias e sobre o potencial formativo da arte e da estética.

Para cumprir tal proposta, num primeiro momento, será apresentada a constituição da subjetividade no contexto da sociedade contemporânea. Considera-se que, na concepção adorniana, os poderes objetivos exercem uma forte influência sobre a existência individual e o conceito de sociedade assume o sentido de uma relação mediada e mediadora entre o individual e o coletivo, mantendo os dois elementos. O mesmo pressuposto é válido para o segundo momento deste ensaio, que aborda o conceito de formação e, com ele, o conceito de experiência, uma vez que ambos se interligam. Posteriormente, a temática é problematizada no contexto do desenvolvimento tecnológico, cuja tarefa contou, principalmente, com a utilização da literatura produzida por autores que se fundamentam na Teoria Crítica. Por último, são apresentadas algumas reflexões que reforçam a educação estética como uma forma de resistir aos processos sociais que promovem a fraqueza egoica e prejudicam a formação.

## Subjetividade

A subjetividade, da qual Adorno se ocupou com afinco em seus estudos, carrega as marcas da danificação; é uma subjetividade prejudicada por uma sociedade que promove a fraqueza egoica a partir da crescente dissolução do indivíduo no todo da personalidade genérica, difundida pela indústria cultural. O autor assinala, em seu livro *Introdução à Sociologia* (Adorno, 2008), que sem o conhecimento da extensão da sociedade no âmbito dos indivíduos seria difícil compreender por que uma grande maioria dos homens age de modo contrário aos interesses racionais.

A *Dialética do esclarecimento* (1985) constitui-se em uma das obras na qual Adorno, juntamente com Horkheimer, explorou essa questão tendo como base o ideário iluminista presente na gênese do projeto burguês. Esse, desde o início, apresentava contradições, pois a resistência ao poder do irracional “[...] só foi possível historicamente através da cegueira e irracionalidade daquele indivíduo autônomo e incomparável” (Horkheimer e Adorno, 1985, p. 225).

Além disso, a absolutização do indivíduo, presente no projeto iluminista, encontra na paranoia sua expressão patológica, segundo Gagnebin (2001). Nessa condição, o indivíduo busca submeter tudo e todos ao seu domínio; ele acredita ser o “[...] o arquiteto dos sistemas perfeitos, sem contradições nem falhas, já que nada resiste à sua voracidade semântica” (Gagnebin, 2001, p. 68).

É possível afirmar também que a absolutização do indivíduo revela a passagem da mediação do universal da relação social; sendo assim, a individualização existe para quebrar os homens por completo no seu isolamento: “O princípio que preserva

só se conserva no seu contrário” (Adorno, 1993, p. 132); ou seja, a individualidade é preservada à custa do embrutecimento e do empobrecimento do indivíduo que se dissolve no todo indiferenciado da personalidade genérica produzida pela sociedade organizada pela indústria cultural. A atitude de se preservar é ilustrada por Horkheimer e Adorno (1985) a partir de Ulisses, que, na tentativa de escapar do gigante Polifemo, nega a própria identidade. Ao ser indagado pelo gigante a respeito de seu próprio nome, Ulisses denomina-se *Oudeis* (Ninguém).

Na dedicatória da *Minima Moralia* (1993), Adorno fala que é preciso investigar os poderes objetivos que determinam a existência individual. Para ele, a esmagadora objetividade, na presente fase do desenvolvimento histórico, consiste unicamente na dissolução do sujeito diante de uma organização política da sociedade que amplia os poderes econômicos, fato que se manifesta no domínio privilegiado da ideologia. Esse domínio traduz a égide do princípio de equivalentes, sob a qual se sustenta uma sociedade em que os indivíduos se orientam pela lógica das aparências.

Zuin (1999) ressalta que, na tentativa de reconciliar o irreconciliável, ou seja, os pares o belo e o necessário, as pulsões e a cultura, o dominador e o dominado, etc., o capitalismo subordina as pulsões que, aparentemente, são satisfeitas a partir do consumo. O resultado disso é a produção de uma pseudoindividualidade, que é explicada pelo autor a partir de algumas categorias psicológicas, dentre elas: a projeção, a falsa projeção, a identificação e o ideal de ego.

Segundo o autor, para entender como a pseudoindividualidade se origina, é preciso entender como se constitui a construção de um ego sadio que,

[...] depende do estranhamento da subjetividade em relação ao mundo fenomênico e da reflexão do conteúdo objetivo que medeia a sua consequente reapropriação, fornecendo as bases estruturais da cultura e do seu correlato objetivo, a formação (Zuin, 1999, p. 57).

O processo de estranhamento é dificultado pela pseudoindividualidade promovida pela sociedade que integra e conforma os indivíduos ao sistema, reprimindo-os ao invés de permitir a sublimação. Assim, a indústria cultural promete algo que, efetivamente, não pode cumprir, aumentando a distância entre o mundo fenomênico e o desejo que, aparentemente, é encoberto e fica suspenso pela subsunção do ego às necessidades de consumo.

A socialização é de caráter substitutivo, gerando um pseudorealismo (realizações ideais na aparência) que reforça a impressão de que o concreto viabiliza a experiência real em sua plenitude. O bem-estar promovido pela sociedade de massas via industrialização da cultura é de uma aparência tão real que desmobiliza a capacidade crítica do indivíduo no sentido de questionar a ausência de conteúdo real da liberdade e felicidade, prometidas pela sociedade assim organizada.

A indústria cultural modela-se, de acordo com Adorno (1993), pela regressão mimética e pela manipulação dos impulsos de imitação recalcados e reprimidos. Assim, ela atualiza a tendência à identificação, reforçando-a e canalizando-a para os seus modelos, que podem ser representados pelos seus produtos, pelos heróis e líderes, dentre outros; ela organiza as necessidades dos indivíduos e se coloca como capaz de satisfazê-las, antecipando a imitação dela mesma pelo espectador. O aspecto mimético, que reporta em seu sentido original à resistência

à ameaça mítica, é planejado e desvinculado do seu sentido original.

O espetáculo da indústria cultural é uma expressão da renúncia permanente que a civilização impõe às pessoas. Nele, a regressão da cultura é acompanhada da regressão do pensamento, cujo exercício é substituído pelo aspecto divertido, leve e de fácil assimilação. A necessidade de não ter nenhum pensamento próprio também se manifesta no produto que prescreve a reação e no nivelamento subjetivo, que implica na absorção da arte leve na arte séria ou vice-versa. O nivelamento subjetivo também é uma versão simplificada, repetitiva, banalizada e estereotipada dos produtos culturais, que se submetem aos moldes adaptativos da cultura, à lógica da racionalidade instrumental, minando as potencialidades emancipatórias – o que é possível na medida em que os indivíduos são privados do exercício da autocrítica reflexiva. Portanto, a indústria cultural realiza o trabalho anti-iluminista, pois cria a ilusão do sujeito autônomo quando, na verdade, o que se tem é uma subjetividade prejudicada (genérica) que se dissolve no coletivo.

## Formação

No tópico anterior, as condições objetivas que promovem a pseudoindividualidade foram discutidas com o intuito de compreender como ocorre a falsificação do sonho da formação. Feito isso, o próximo passo consiste em apreender o significado da formação na perspectiva adorniana, na qual esse conceito está relacionado ao de cultura e ao conceito de experiência. A formação *Bildung* (em alemão) expressa o conceito de educação num sentido amplo, enquanto cultura, formação cultural e formação da personalidade. Em Adorno, conforme Zuin *et al.* (1999), o conceito de formação cultural tem ligação com a própria

história alemã, em que a impotência política da classe burguesa levou à exacerbação da esfera cultural. A classe burguesa orgulhava-se da cultura e das produções culturais que idealizavam um futuro melhor,

[...] em que a formação cultural poderia ser objetivada, de tal maneira que haveria um auto-reconhecimento do espírito, numa miríade de manifestações culturais, a saber, a filosofia, a arte, a ciência, a literatura e a música, entre outros (Zuin *et al.*, 1999, p. 56).

Esse cultivo das faculdades humanas por meio dos produtos intelectuais, artísticos e espirituais consistiu na forma encontrada pelos intelectuais alemães para se distinguirem das classes superiores. Ao privilegiarem alguns valores como caminho para se tornarem cultos, os intelectuais buscavam a sua autoafirmação.

Na gênese do projeto burguês, a ideia de formação postulava, conforme Adorno (2010), a situação de uma humanidade sem *status* e sem exploração. A formação era vista como pressuposto de uma sociedade autônoma, uma vez que a lucidez do todo dependia da lucidez das partes. Todavia, no decorrer do processo, o singular sucumbiu ao poder da totalidade que imobiliza a autonomia e a autorreflexão crítica que lhe é característica. Em seu lugar prevaleceu o pensamento que se adapta às demandas do mundo exterior, voltado para o utilitarismo e para o imediatismo.

A formação, segundo Adorno, consiste em um campo de forças entre espírito e natureza, transcendência e acomodação. Para ele, tratar essas categorias de maneira isolada implica no congelamento da formação, uma vez que seu significado pressupõe ambos os sentidos. Considerá-los permite evitar tanto a visão autárquica e absoluta da cultura quanto sua conformação à vida real.

Essa ambiguidade também aparece quando Adorno (1995a) se refere ao conceito de educação, na conferência “Educação – Para quê?”. Esse texto diz respeito a um diálogo entre Adorno e Becker em uma conferência radiofônica na qual a emancipação é o centro das reflexões. Sob o ponto de vista de Adorno, a emancipação significa consciência e racionalidade, mas isso não justifica a ignorância e indiferença quanto ao aspecto adaptativo e à necessidade de tornar os homens aptos a se orientarem no mundo. Porém, a supervalorização desse último aspecto ameaça a educação de se tornar impotente e ideológica, da mesma forma que a produção de pessoas bem ajustadas, também deve ser questionada.

O autor acredita que o poder da realidade torna a adaptação cada vez mais automática. Forçados pelo contexto em que vivem, os homens são pressionados a impor a si mesmos a adaptação e a perder sua individualidade, submetendo-se a um “conformismo uniformizador” (Adorno, 1995a, p. 144).

Adorno (1995a) ressalta que a sociedade premia uma não individualização – uma atitude colaboracionista, que é paralela ao processo de enfraquecimento do eu. No entanto, lembra que o indivíduo centrado nos próprios interesses e que considera a si mesmo como sua própria finalidade também é algo problemático. Nessa questão, Adorno aproveita para manifestar sua filiação hegeliana, na medida em que entende que a individualidade não é algo dado, mas que talvez se forme na experiência do não-eu no outro – alienação nos termos de Goethe ou de Hegel. Fundamentado nesses autores, Adorno (1995b), na conferência “Educação e emancipação”, aponta para a ilusão de se conceber o processo de humanização e de formação cultural como resultado do desenvolvimento

de dentro para fora, já que, segundo Hegel, esse processo se realiza mediante a alienação. Sendo assim:

Não nos tornamos homens livres à medida que nos realizamos a nós mesmos como indivíduos — como reza uma formulação horrível — senão na medida em que saímos para fora de nós mesmos, vamos ao encontro dos demais e, em certo sentido, nos entregamos a eles (Adorno, 1995b, p. 175).

Ao ser indagado por Becker, na conferência “Educação – Para quê?”, a respeito da tarefa de formar os indivíduos para a individualidade e para a sociedade, Adorno (1995a) responde que do ponto de vista formal isso é evidente, mas que essa harmonia vislumbrada Humboldt é irrealizável na sociedade em que vivemos. Nela, os processos de trabalho quase não deixam espaços para a individualização e, mesmo que as mudanças nesses processos as solicitem (conforme problematiza Becker), o novo também carrega novamente o mesmo.

A educação para a individualidade não pode ser postulada. Hoje existe uma ampla carência de possibilidades sociais de individualização, porque as possibilidades sociais mais reais, ou seja, os processos de trabalho, já não exigem mais as propriedades especificamente individuais (Adorno, 1995a, p. 152).

A organização da sociedade tem na perda da aptidão à experiência seu defeito mais grave. Na opinião de Adorno (1995a), a experiência extrapola os processos ordenados e dirigidos, uma vez que se relaciona com a memória involuntária – a qual confere maior profundidade à experiência. Cita como exemplo as experiências musicais na primeira infância, quando a criança, deitada em sua cama, ouve antes de dormir uma sonata para violino e piano de Beethoven proveniente da sala ao lado.

Atenta, ainda, para o fato de que muitas pessoas, sobretudo na adolescência ou possivelmente até antes, desenvolvem uma tendência aversiva à educação e uma espécie de ressentimento que se manifesta no desejo de se desvencilharem da consciência e do peso das experiências primárias por entenderem que elas dificultam sua orientação. Portanto, segundo Adorno (1995a), não se trata apenas da ausência da formação, mas da hostilidade e rancor em relação a ela e àquilo de que são privadas. Assim, as pessoas optam por algo que não é propriamente sua vontade, mas que atua contra elas mesmas e é fruto de uma escolha pautada no ódio ao que é diferenciado e não moldado. A razão desse sentimento deve-se à exclusão das pessoas de tudo o que possui tais características. A conscientização e, desta forma, a dissolução desses mecanismos de repressão e dessas formações reativas, é apontada por Adorno como pressuposto para a constituição da aptidão à experiência, cuja perda é o defeito mais grave com o qual nos defrontamos.

A perda da aptidão à experiência resulta da vitória do poder da totalidade sobre o singular e da uniformização sobre a diferenciação, própria de uma sociedade desqualificada, vazia de forma diante da onipotência do poder de troca. Tudo isso contribui para a perda da tradição e, conseqüentemente, para a carência de imagens e de formas. A tradição a que se refere Adorno (2010) é a pré-burguesa, incompatível com a racionalidade burguesa, pois essa última não condiz com a formação na medida em que o espírito constitui-se apenas como meio.

Nessas condições, o abstrato formal se sobrepõe ao concreto empírico, inviabilizando o confronto entre a realidade e o conceito, na medida em que a primeira (a realidade) é dissolvida no segundo (conceito).

Assim, o conceito expressa uma razão formal, nos termos da ciência-técnica, primando por uma relação entre sujeito e realidade pautada na dominação e no imediatismo. Segundo Maar (1995), o conteúdo da experiência formativa vai além da relação formal do conhecimento, pois implica na transformação do sujeito no curso do contato transformador com o objeto na realidade – o que demanda tempo de mediação e continuidade.

O conteúdo da experiência formativa não se esgota na relação formal do conhecimento – das ciências naturais, por exemplo – mas implica uma transformação do sujeito no curso do seu contato transformador com o objeto na realidade. Para isto se exige tempo de mediação e continuidade, em oposição ao imediatismo e fragmentação da racionalidade formal coisificada, da identidade nos termos da indústria cultural. Assim, a experiência formativa pressupõe uma aptidão cuja ausência caracterizaria a atualidade ainda mais do que a própria falta de conteúdo formativo (Maar, 1995, p. 25).

O mesmo autor ressalta que, para Adorno, a experiência formativa é autorreflexiva e pressupõe um movimento que “[...] confrontaria a realização mais ou menos bem sucedida da experiência formativa com sua ‘ideia’, com o conceito de uma formação verdadeiramente realizada” (Maar, 1995, p. 24-25).

Adorno atenta para o realismo que sucedeu a formação e para a necessidade de uma proteção aos estímulos exteriores, “certas ponderações com o sujeito singular, e até lacunas de socialização”, pois elas consistem em elementos que integram os princípios formativos (Adorno, 2010, p. 22). A submissão do espírito ao mundo social e sua conformação ao papel de mero meio coloca como problema a reafirmação do contrário: sua autonomia perante

a sociedade que, segundo Adorno (2010), também é algo social. Portanto, essa capacidade do espírito de se separar das relações da vida real não consiste apenas em falsidade, mas contém um momento de verdade. Renegar essa autonomia do espírito pode sufocá-lo, assim como pode converter o existente em ideologia. Ao espírito que não consegue realizar o socialmente justo, pois a sociedade o priva das bases sob as quais se assentam a formação, resta a autorreflexão crítica dessa condição.

Essa atitude é reforçada na conferência “Televisão e formação”, na qual Adorno (1995c) ressalta como esse meio de comunicação pode cumprir uma finalidade pedagógica ou desempenhar uma função deformativa. É necessário esclarecer essa dupla função, uma vez que

[...] é possível afirmar de um modo geral que uma instituição tão prestigiada pela sociedade como a televisão evidentemente está comprometida em sua própria ontologia com a sociedade. Mas penso que neste sentido é preciso evitar uma reflexão mecânica (Adorno, 1995c, p. 81).

Adorno (1995c) menciona que não é contra a televisão em si, mas suspeita do seu uso em grande escala, na medida em que a forma como ela se apresenta contribui para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência das pessoas. O autor acredita que o conceito de informação é mais apropriado e concorda com Becker quanto à necessidade de ensinar os espectadores a verem televisão. Tarefa essa que compreende não apenas a escolha do que é certo e na apreensão do mesmo por meio de categorias, mas também no desenvolvimento de aptidões críticas. Entende que a consciência das pessoas pode ser promovida por pessoas tecnicamente competentes, críticas e autônomas que colaboram na produção dos programas.

Tal pensamento ilustra a tendência do autor a evitar um posicionamento mecânico. No entanto, Adorno (1995c) não abre mão da radicalização da crítica como uma espécie de vigilância e de contraposição à ideologização da vida veiculada pela televisão. Nela, até mesmo o último detalhe é perfeito, tornando imperceptível a relação entre harmonização e deformação da vida, uma vez que ela se realiza nos bastidores.

### **Subjetividade e formação no contexto das novas tecnologias**

As possibilidades advindas das novas tecnologias no ramo dos audiovisuais permitem que haja uma supervalorização da estética, cujo acontecimento TÜRCKE (2010) interpreta no âmbito da constituição de uma nova ontologia na qual o ser está atrelado ao ser percebido. Dessa forma, a compulsão à emissão é condição de existência e a essência ontológica de um emissor consiste na separação de seu “aí” em relação ao seu “aqui e agora”; ou seja, o primeiro (“aí”) existe sem o segundo – o que é possível por meio da irradiação midiática, que ofusca a sensibilidade irradiada por cada organismo, incapacitando-o de transformar os puros estímulos em percepção, apesar de ser invadido por uma torrente de excitação. O paradoxo de tal situação encontra-se na perda do equilíbrio e na desorientação provocada pelas excitações advindas de forma torrencial, cujo significado expressa os efeitos que podem provocar. Diante dos estímulos que cintilam na tela, aqueles advindos do meio imediato parecem insossos – eles não são páreo para os primeiros. Ao interferir na sensação de equilíbrio, a torrente de estímulos afeta a própria unidade da experiência, uma vez que ela se forma a partir

da fixação em algo, da capacidade de se juntar a algo, dando, conforme assinala TÜRCKE (2010), coesão ao organismo sensível, uma identidade, um “aí”, tanto no sentido objetivo quanto subjetivo. A torrente de excitações impede que o “aí”, no qual o indivíduo é capaz de se localizar e fixar encontre um apoio e dê uma unidade às suas percepções.

TÜRCKE (2010) atenta para a perda em experiências e em palpabilidade que a implementação das condições audiovisuais de vida traz consigo. Defende que o processo de experimentar limites depende das resistências táteis, que são dissolvidas em condições audiovisuais, pois elas provocam aquilo que ele chama de irritação sensível-insensível. Assim, a perda em palpabilidade será mais opressivamente vivenciada quanto mais difusa ela for; quanto mais aquilo que se perde não forem objetos determinados, mas a própria objetivação. Essa situação dificulta a identificação das causas que levam os indivíduos a cometerem atos violentos, cuja falta de clareza é apontada como integrante do perfil do infrator, que não pode compreender as razões que o motivaram ao ato violento. A raiva possui fortes características de uma busca desperada por sensações, por algo para o qual faltam as palavras:

É atendo-se a algo que se sente em si próprio; agarrar até que o agarrado deixe de esboçar qualquer resistência e tenha proporcionado toda a satisfação tátil possível: na incapacidade de poder parar de bater, até que o objeto das pancadas não mais se mexa, celebra-se o triunfo do pegar, festas da certificação de si (TÜRCKE, 2010, p. 77).

TÜRCKE (2010) ressalta que a inflação dos sentidos assume a forma de choques audiovisuais e torna o sistema nervoso dependente das sensações, sendo necessário aumentar

os substitutivos, ou seja, a ilusão do poder dos audiovisuais sobre o que tentam dissimular. Nesse sentido, o que parece ser um avanço é um retrocesso, revelando uma base arcaica, um retorno ao fundamento, no qual, o organismo, para libertar-se da carga excessiva de estímulos, apelava para a repetição, buscava proteger-se do pavoroso no pavoroso. A proteção contra a excitação excessiva consiste em uma lei orgânica fundamental e a compulsão à repetição está a serviço dela.

A dormência dos sentidos, em contraste com a estimulação excessiva advinda dos choques audiovisuais, culmina no retrocesso do prazer em pré-prazer. De acordo com TÜRCKE (2010), a irradiação compulsiva dos estímulos iniciais leva a produção cultural à loucura, frustrando o caminho para o prazer, na medida em que a atuação prolongada dos estímulos iniciais impede esses últimos de se tornarem algo diferente.

O autor ainda fala sobre as mudanças ocorridas no texto com a revolução midiática; mais especificamente, refere-se ao hipertexto. Segundo TÜRCKE (2008), ele promove um imenso potencial de distração e um tipo de percepção que não sente a si própria como tal, porque não consegue se envolver com nada, deixando o sentimento de que escolhas melhores podem existir. Assim, ao digitar um determinado termo de busca, o indivíduo depara-se com uma série de *links*, cujo desvendamento pode levá-lo a se perder. Por outro lado, a decisão contrária pressupõe o risco de ignorar o que pode ser algo importante. Somente uma negação teimosa do convite para saltar a página possibilita a leitura do texto até o fim, pois são intensos os apelos para leituras mais excitantes. Também a sensação de escolher entre as diferentes possibilidades é falsa, uma vez que os caminhos

são dados de antemão a partir de esquemas fixos, mostrando a importância de se discernir entre os dados apurados. Além disso, o pensamento torna-se fugaz, sem fôlego, diante do salto brusco de um *link* para outro.

A questão das mudanças advindas com os avanços tecnológicos também pode ser vista a partir de outras problemáticas, como a que é apontada por FLUSSER (2007), em seu livro *O mundo codificado*. Nesse livro, o autor menciona que a epistemologia ocidental, fundamentada no pensamento linear, vem sendo desafiada pelo pensamento em superfície (expresso por imagens). As imagens atuais são diferentes daquelas que precederam a invenção da imprensa, pois essas últimas compunham um universo imagético que tentava interpretar o mundo e se constituíam em “obras de arte”. Quanto às imagens atuais, chamadas por Flusser de tecnoimagens, são produtos da tecnologia, programadas com base em textos, em uma teoria científica, compondo um mundo imagético para interpretar as teorias referentes ao “mundo”. Dessa forma, o pensamento linear coloca-se a serviço da imaginação e isso gera dois problemas. O primeiro deles está relacionado ao fato de que a perfeição e a riqueza das imagens permitem que elas substituam os fatos que em sua origem deveriam representar. O segundo atenta para o papel dos especialistas em imagens na constituição de modelos de vivência e de cognição, pois elas são programadas para reduzir a crítica do receptor – o que é alcançado por meio da inflação e do aceleração da sequência de imagens.

Diante dessas considerações, torna-se oportuno lembrar que a tecnologização dos produtos culturais pressupõe, conforme DUARTE (2007), transformações na maneira de conceber a ideologia. Essa, em sua nova configuração, tem como objeto o

mundo enquanto tal, reconstruindo-o com a ajuda da técnica, dispensando o esforço de interpretação da realidade como acontecia na forma tradicional.

Nesse sentido, é possível pensar que a dispensa da interpretação do mundo, dada pela programação das imagens, pode levar o indivíduo a aderir aos significados que elas transmitem; mas, também, o mundo imagético pode servir ao questionamento ao perturbar e exigir o esforço abstrativo e crítico tanto na produção quanto na interpretação das imagens.

Enquanto isso não se realiza, é preciso pensar na semelhança entre o aspecto antiformal e o antissemitismo, uma vez que ambos se caracterizam pela ausência da autocrítica reflexiva. Ao escapar dessa última, os indivíduos buscam fugir da angústia e do sofrimento que a perpassam, mas que são condições essenciais para a autonomia. No lugar dela, os indivíduos optam pelas projeções e identificações tranquilizantes promovidas pela indústria cultural, cujas possibilidades podem ser ampliadas com a Internet, por exemplo. Há quem acredite que essa ferramenta contribui para romper as barreiras do tempo e espaço, ampliando as experiências dos indivíduos. No entanto, é preciso considerar que a possibilidade de se conectar mundialmente pressupõe que os meios eletrônicos descontextualizem e isolem “[...] os sentidos e as vivências numa medida que nunca fora atingida na época da imprensa” (Türcke, 2008, p. 35). Elas podem criar condições favoráveis à ampliação das experiências substitutivas, da qual fazem parte as falsas projeções típicas da atitude paranoica.

Essa questão foi tratada por Zuin (2008) em seu livro, *Adoro odiar meu professor: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico*. Nele, o autor destaca que o choque entre a imposição de princípios éticos por

parte dos mestres e suas atitudes reais, gera um sentimento de mal-estar entre os discentes e que tal sentimento encontra no ambiente cibernético um canal de expressão. O autor chama a atenção para os processos identificatórios que circulam nesse meio e estabelece uma semelhança entre a atitude paranoica, característica da falsa projeção, e a substituição da ironia formativa pelo sarcasmo pedagógico.

Ponderações dessa ordem levam ao questionamento sobre o tipo e as finalidades dos laços comunitários presentes no ambiente virtual, como também sobre se a tendência à identificação com o grupo corresponde ou não ao vazio existencial promovido pela sociedade administrada. Essa, ao adiar a satisfação, abre a possibilidade de que a coletivização seja uma forma de se adequar à impossibilidade de uma identidade autêntica e bem estruturada. Apesar de a sociedade criar cada vez mais inter-relações, cresce nas pessoas a sensação de claustrofobia e enclausuramento, pois, conforme Adorno (1995d), a rede, quanto mais densa, mais desperta nas pessoas a vontade de escapar. Essa tarefa se torna cada vez mais difícil se se considerar o que escreveu Durão (2008), para quem a superprodução semiótica reforça a tendência à socialização crescente da sociedade, contribuindo para intensificar a proximidade social e para promover a inter-relação entre tudo e todos.

Esse cenário leva a crer que os efeitos que a sociedade administrada produz na subjetividade e, consequentemente, no processo formativo, podem ser potencializados pela crescente tecnologização da sociedade. Tais efeitos atingem tanto o pensamento quanto a afetividade, tanto a razão quanto a sensibilidade – uma vez que, na perspectiva adorniana, a barbárie está vinculada à ausência do esclarecimento. Alguns desses

efeitos foram mencionados, dentre eles: a perda da concentração e da criticidade do receptor; a necessidade de estímulos cada vez maiores e de emoções mais fortes, levando a atitudes violentas; a tendência ao nivelamento e à homogeneização, que revelam um comportamento patológico que tende ao processo identificatório ausente de reflexividade. Assim, o ego adere ao coletivo, criando barreiras para que haja a diferenciação, inerente ao processo formativo.

## Possibilidades de resistência

Pensar numa possibilidade de resistência implica, em primeiro lugar, assumir a ideia de que a reificação do sujeito é corolária da reificação da cultura e da formação e vice-versa. Sobre o conceito de formação é preciso ter em mente que, na perspectiva adorniana, ela pressupõe a autodeterminação, a não-identidade, a capacidade para a autorreflexão crítica e certa ponderação quanto aos estímulos exteriores, além da constante tensão entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

É nesse sentido que Adorno enxerga na arte e na estética as condições viáveis à formação. Sua concepção de que a experiência formativa reivindica o confronto entre o real e o conceito, bem como a constatação de que a filosofia fracassou ao se apegar ao momento conceitual, acreditando que por meio dele era possível conciliar pensamento e realidade, levam-no a enxergar na dialética negativa e na teoria estética um caminho pelo qual a filosofia pode escapar dos apelos identificatórios, reconhecendo sua culpa e sua má consciência, conforme destaca Türcke (2004). Adorno (2009) acredita que o momento estético (expressivo) não é acidental à filosofia, mas lhe é imanente e permite pensar com

maior profundidade, tornando o tema mais nítido ao manifestar suas variações. A obra de arte traduz o encontro da filosofia com a estética, pois, mesmo comportando a vida empírica em sua substância, opõe-se a ela a partir de sua forma.

Ao contrário da obra de arte, na qual a forma se confunde com o conteúdo, na indústria cultural predomina o formalismo. E esse apoia-se em uma estética familiar que busca adaptar o conteúdo ao exterior, fazendo “concessões ao consumo”. Dessa forma, o conteúdo preza pela clareza – o que implica na necessidade de incluir o interlocutor – corrompendo a figura, segundo Adorno (1993).

Transpondo as reflexões adornianas para os dias atuais, pode-se dizer que o formalismo inerente à tecnologia torna-se ainda mais potente com o aprimoramento dos recursos de som e imagem dos *media*, capazes de ampliar os efeitos das experiências substitutivas, cujas características consistem no controle, na eliminação da distância entre o real e o conceito e na personalidade heterônoma – que acolhe a identificação ao invés da autorreflexão crítica.

A intensidade dos estímulos que os audiovisuais veiculam também representa uma ameaça à formação. Essa situação, conforme se destacou, promove uma ontologia na qual o “aí” se desvincula do “aqui” e do “agora”, além da perda da palpabilidade do mundo.

A experiência estética e a obra de arte, no entendimento de Gagnebin (2001), conservam o potencial formativo ao promoverem a não-identidade, ao não sucumbirem às determinações exteriores mesmo estando imersas na empiria, e, ao promoverem a experiência do deslocamento. Assim, elas conseguem fugir de dois perigos que ameaçam o pensamento: a sedução da dominação e do controle (paranoia) e a

sedução que implica na abolição da distância (indistinção fusional).

Nesse sentido, a experiência estética e a obra de arte atuam para além do campo cognitivo, permitindo o relacionamento entre a razão e a sensibilidade. Essa assertiva incide sobre outra: a de que há um vínculo entre a lógica semiformativa e o antissemitismo. Esse é partidário do processo identificatório promovido pela indústria cultural, no qual se adere ao coletivo e repulsa o estranho, sem perceber o elemento familiar que está presente nessa atitude motivada pelo desejo da mimesis originária de se plasmar com outro. Uma personalidade fragilizada é incapaz da autorreflexão crítica e de discernir entre o que provém de si ou do outro, projetando, nesse último, as suas próprias frustrações.

Baseando-se nisso, entende-se que cabe à escola oferecer e desenvolver a apreciação de objetos culturais que não são familiares aos educandos, pois a familiaridade é facilmente encontrada nos objetos veiculados pela indústria cultural. Com isso, não se está pregando um tipo de elitismo, porque o contato com a cultura veiculada pela indústria cultural independe da mediação da escola. Também não significa que a escola deva se fechar para refletir sobre essa cultura ou, ainda, desconsiderar a cultura popular. Essa última, ao preservar a autenticidade, resiste contra sua absorção pela indústria cultural.

A ampliação das experiências estéticas no âmbito escolar não se reduz ao contato com objetos culturais que conservam seu caráter formativo, pois, conforme Adorno (1995b), na conferência “Educação e Emancipação”, é necessário que as pessoas interessadas pela emancipação canalizem toda a energia rumo a uma educação para a contradição e para a resistência. Exemplifica essa tarefa a partir da visão conjunta de

filmes comerciais, mostrando-se aos alunos as falsidades aí presentes. Com isso, é possível imunizar os alunos contra determinados produtos da indústria cultural, convertendo a impotência em um momento daquilo que se pensa e se faz.

Na conferência “Televisão e formação”, Adorno (1995c) explicita que seu pensamento não é movido pelo mecanicismo a ponto de rejeitar totalmente o uso da televisão como um meio educativo. Para ele, a televisão pode realizar esse papel com a ajuda de profissionais tecnicamente competentes, que elaborem programas que contribuam para a promoção da consciência crítica. Esse aspecto, assim como outros até aqui mencionados, coloca a urgência de se colocar em pauta a educação estética no cotidiano escolar e nos cursos de formação de professores.

A crítica e o aspecto formativo dos objetos culturais não se dissociam de sua beleza, mas conservam tal qualidade para além de um estado passageiro. Assim, é possível pensar na possibilidade de uma educação emancipatória em consonância com a educação estética, pois ela não exclui o prazer e a alegria do processo de conhecimento, uma vez que a arte permite a dimensão da liberdade, a partir da experiência do deslocamento e da não-identidade.

## Considerações finais

O cenário de barbárie – entendida como ausência da autorreflexão crítica – toma proporções maiores com o desenvolvimento tecnológico, que potencializa os efeitos da indústria cultural, cuja expressão se manifesta na dormência dos sentidos provocada pela torrente de excitações audiovisuais e na constituição de uma nova ontologia social, na qual o existir se atrela ao ser percebido. Em tais condições, marcadas pelo fetichismo, como encontrar espaço para

a constituição de uma personalidade autodeterminada e para a formação?

Nos termos do pensamento adorniano, a dimensão formativa toma como referência a obra de arte e a experiência estética. A obra de arte não se atém a reproduzir a realidade, mas a torná-la problemática, a apresentá-la de forma indeterminada e negativa. Assim, ela viabiliza o pensamento, a experiência do deslocamento e do estranhamento, inerentes à experiência formativa. Ao componente racional dessa última, agrega-se um componente sensível, que implica na acolhida e no envolvimento do sujeito com o objeto em questão. A experiência estética tem uma dimensão afetiva, que instiga a demora, o aprofundamento nos detalhes e a experiência da alteridade, na qual o sujeito sai do seu lugar comum e se coloca em lugares alheios.

Tais pressupostos levam a concluir que o indivíduo somente assumirá um papel determinante em sua formação quanto mais se envolver com o objeto, refletindo sobre ele. Esse convite à individualização é feito na experiência estética a partir da autenticidade e reflexividade que ela carrega – o que a torna referência e pressuposto para a formação.

## Referências

- ADORNO, T. 1993. *Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo, Ática, 216 p.
- ADORNO, T. 1995a. Educação – Para quê? In: T. ADORNO, *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 139-154.
- ADORNO, T. 1995b. Educação e emancipação. In: T. ADORNO, *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 169-185.
- ADORNO, T. 1995c. Televisão e formação. In: T. ADORNO, *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 75-95.
- ADORNO, T. 1995d. Educação após Auschwitz. In: T. ADORNO, *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 119-138.
- ADORNO, T. 2008. *Introdução à Sociologia*. São Paulo, UNESP, 358 p.
- ADORNO, T. 2009. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro, Zaar, 351 p.
- ADORNO, T. 2010. Teoria da Semicultura. In: B. PUCCI; A.A.S. ZUIN; L.A. LASTÓRIA (orgs.), *Teoria Crítica e inconformismo*. Campinas, Autores Associados, p. 7-40.
- DUARTE, R. 2007. *Teoria Crítica da Indústria Cultural*. Belo Horizonte, UFMG, 218 p.
- DURÃO, F.A.A. 2008. Da superprodução semiótica: caracterização e implicações estéticas. In: F.A. DURÃO; A.A.S. ZUIN; A.F. VAZ (orgs.), *A indústria cultural hoje*. São Paulo, Boitempo, p. 39-48.
- FLUSSER, V. 2007. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo, Cosacnaify, 224 p.
- GAGNEBIN, J.M. 2001. Sobre as relações entre ética e estética no pensamento de Adorno. In: N. RAMOS-DE-OLIVEIRA; A.A.S. ZUIN; B. PUCCI (orgs.), *Teoria Crítica, estética e educação*. Campinas, Autores Associados, p. 61-74.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.W. 1985. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro, Zaar, 254 p.
- MAAR, W.L. 1995. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: T. ADORNO, *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 11-28.
- TÜRCKE, C. 2004. Pronto-socorro para Adorno: fragmentos introdutórios à dialética negativa. In: A.A.S. ZUIN; B. PUCCI; N. RAMOS-DE-OLIVEIRA (orgs.), *Ensaio Frankfurtianos*. São Paulo, Cortez, p.41-59.
- TÜRCKE, C. 2008. Hipertexto. In: F.A. DURÃO; A.A.S. ZUIN; A.G. VAZ (orgs.), *A indústria cultural hoje*. São Paulo, Boitempo, p. 29-38.
- TÜRCKE, C. 2010. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas, Unicamp, 323p.
- ZUIN, A.A.S. 1999. *Indústria cultural e educação: o novo canto da sereia*. Campinas, Autores Associados, 167 p.
- ZUIN, A.A.S. 2008. *Adoro odiar meu professor: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico*. Campinas, Autores Associados, 118 p.
- ZUIN, A.A.S.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. 1999. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis, Vozes, 191 p.

Submetido: 18/07/2011

Aceito: 28/09/2012

Luciane Neuvald  
Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Rua Padre Salvador, 875, C.P. 3010  
85015-430, Guarapuava, PR, Brasil